

ASPECTOS PEDAGÓGICOS DA HISTORIOGRAFIA ROMANA

*Laurindo Dalpian**

A teoria historiográfica formulada por Cícero prevê, em sua metodologia, que os personagens eminentes sejam retratados de tal forma que venham a se constituir em exemplos para as gerações futuras. E dessa forma se estabelece uma função pragmática para a história: a pedagógica. A memória gloriosa dos antepassados é cultivada como um incentivo à virtude e à prática dos bons costumes. Ao mesmo tempo em que o autor de história e o personagem se garantem reciprocamente a perpetuação na lembrança dos pósteros, a história desempenha seu papel utilitário para a sociedade, difundindo os valores mais cultivados pelos romanos. É uma história explicada a partir da ação dos grandes homens.

*Professor do Curso de Letras e do Curso de Direito do Centro Universitário Franciscano.

O gênero historiográfico clássico foi delineado por Cícero (106 – 43 a.C.) e dentre as diversas orientações está prevista também uma função educacional. A partir de que parâmetros? Dando destaque às virtudes das grandes figuras do passado, conforme suas próprias palavras: “... que sejam relatadas não só as ações dos próprios personagens, mas também a vida e o caráter de cada um dos que excedem por reputação e nome” (*De or.* II, XV, 63). Esse destaque faz parte da metodologia historiográfica. Nesse sentido a educação reflete a tradição aristocrática e corporativista da oligarquia dominante e do ambiente senatorial. A história, então, vai apresentar os *exempla*, pelos quais as novas gerações deverão pautar seus pensamentos e suas ações. Trata-se de um programa em que o passado assume uma importância decisiva na orientação do presente e do futuro, em detrimento até de uma visão mais objetiva da realidade e de uma consciência de evolução natural do mundo, como se esperaria hoje de um historiador. A memória dos ancestrais, a glorificação do passado e de sua nobreza passam a exercer uma ação marcante sobre os vivos. Por isso, a todo momento Cícero apresenta ao leitor essa perspectiva. Ao contar, por exemplo, a lembrança que guarda de Cipião diz: “Ninguém pensará jamais ou esperará empreendimentos maiores, sem pensar de propor para si mesmo como exemplo a lembrança e a imagem de Cipião” (*De amic.* XXVII, 102).

Segundo André (1974, p. 93), nos *facta exemplares* estão encarnados os grandes valores morais e espirituais. São uma herança dos antepassados, que deve servir de instrumento para aperfeiçoar a sociedade. Nesse sentido explica-se a busca da glória e o impulso ao heroísmo dos romanos, como forma de garantir a sobrevivência de si mesmos e de seus atos na memória das gerações futuras. É por isso que a visão pedagógica de Cícero mantém certa coerência com sua linha interpretativa, na medida em que a ação histórica depende fundamentalmente da *virtus* individual. O ponto de partida está no indivíduo, que inicia a ação e, através dela, garante os meios para perpetuar-se junto na memória dos pósteros. O indivíduo passa a ser o ator principal da história e, conseqüentemente, assumirá o papel de modelo de toda uma sociedade.

Vale a pena repassar algumas passagens dos textos ciceronianos para visualizar melhor esses itens. Ao comentar, por exemplo, a importância da formação histórica do orador diz: “Deve-se, além disso, levar em conta toda a antiguidade e a força dos exemplos...” (*De or.* I, V, 18). A antiguidade representa um manancial inesgotável e riquíssimo de *exempla*, que propicia ao orador um forte poder de persuasão e uma influência favorável sobre o público ouvinte. Na história o orador vai encontrar inúmeros recursos para construir seus argumentos, com o que consegue estabelecer a *fides* (crédito)

do discurso, ao mesmo tempo em que o ornamenta, no intuito de produzir a *delectatio* (prazer estético).

No que se refere aos objetivos de uma sólida argumentação, adquire força a *auctoritas* do *exemplum*: "... é um exemplo porque, pela autoridade ou pela desgraça de algum homem ou empreendimento, valoriza ou desvaloriza um fato" (*De inu.* I, 30, 49). A força persuasiva da *auctoritas* está estreitamente ligada à da *fides*, e ambas se harmonizam com o *exemplum*: "... a evocação do tempo passado e a apresentação dos exemplos, além de muito agradáveis, conferem autoridade e crédito ao discurso" (*Or.* XXXIV, 120).

Vê-se, portanto, que Cícero é favorável a uma historiografia de cunho prático ou utilitarista, que se diferencia da historiografia pura, voltada à *uoluptas* e preocupada em produzir apenas um prazer estético-literário, uma história praticada por si mesma, gratuita (*De fin.* V, 19, 51-52). Subjaz a essa teoria uma filosofia pragmática, no sentido de que o conhecimento está a serviço da ação, priorizando o caráter finalístico, vendo na verdade, ou no fato histórico, uma função de utilidade, de êxito ou satisfação. Nesse sentido a história presta um grande serviço à sociedade ao apresentar os homens-modelo. Ao comentar, por exemplo, a formação geral do orador, Cícero não convoca apenas a história, mas não resta a menor dúvida sobre sua insistência no valor do passado: "As demais ciências, na verdade, ainda que ajudem, mas eu insisto na história, na ciência do direito público, na antiguidade e na abundância dos seus exemplos..." (*De or.* I, LX, 256). Ao falar sobre o direito público acrescenta: "... tanto os monumentos da história quanto os exemplos da antiguidade devem ser conhecidos pelo orador" (*De or.* I, XLVI, 201). E ao destacar a importância da dialética e da filosofia na preparação do orador, Cícero comenta também os elementos positivos da cultura, destacando a física, o direito civil e a história, especialmente de Roma (*Or.* XXXIII-XXXIV).

Com toda essa formação o orador adquire as habilidades necessárias para defender suas causas. Cizek (1988, p. 16-17) lembra também que uma das grandes preocupações de Cícero é aperfeiçoar o homem, especialmente o romano, valendo-se de fatos históricos memoráveis, de forma que a história torna-se indispensável ao direito público e privado, às funções de senador e, em particular, ao orador, oferecendo-lhe modelos de desempenho político e de uma digna prática dos costumes. Por outro lado exigem-se do historiador qualidades de rigor e discernimento, espírito científico, mas também uma vontade prática e moral. Não basta uma história que colecionasse fatos ou apenas os interprete, exige-se dela também uma função pragmática e uma contribuição para a melhoria da sociedade.

Nessa perspectiva assumem papel essencial a figura dos heróis. Os romanos sempre atribuíram muito valor a seu passado, valor implícito na ideologia da glória. Os grandes homens recebem as honras, através de monumentos erigidos para perpetuar-lhes a lembrança, através das tradições conservadas pelas famílias e, de modo particular, pela consagração suprema do triunfo, em que o homenageado, revestido de todo um aparato pomposo, é carregado do Capitólio até o templo de Júpiter. O triunfo é o máximo que um simples mortal poderia desejar. Tudo isso converge para a convicção de que o passado é o fundamento do presente e do futuro. É a crença, em última análise, de que a vida só se torna perfeita através da morte. Isso, porém, não significa que os romanos acreditassem numa imortalidade pessoal. Estavam, isso sim, profundamente empenhados numa imortalidade que lhes pudesse garantir o pensamento dos vivos: a lembrança piedosa de um filho, a admiração dos transeuntes que pudessem ler um epitáfio honroso, a citação de um político, de um escritor, de um poeta ou artista de renome. Grimal traz o exemplo do soldado, afrontando com heroísmo a morte para seu nome não ser esquecido (1991, p. 192).

Coerentemente com esse pensamento o escritor romano, na história e na literatura em geral, procura antes de tudo refletir a vida nacional de seu país. A ação, nas epopéias, reflete as lembranças, os pensamentos e as esperanças do povo romano. A inspiração, por exemplo, que anima os *Annales* de Ênio, é a perspectiva da grandeza de Roma, a idéia da unidade de sua história. E, com esse espírito, os romanos viviam com a consciência de uma longa carreira e na esperança de um grande futuro. Tinham inato o instinto de uma grandeza ordenada e sólida. Em suas *Odes*, Horácio assim se expressa: *Exegi monumentum aere perrenius...* (III, 30, 1) - “Executei um monumento mais perene que o bronze”.

Conforme já se mencionou, Cícero, ao sugerir que a história trate também da vida e do caráter dos grandes homens, atribui-lhe o papel de uma lição moral a ser concretizada na imitação dos fatos exemplares. Há, portanto, uma destinação teleológica na narrativa histórica. Há o objetivo de tirar proveito de seus ensinamentos. Trata-se de confirmar as ações humanas enquanto são um valor para sempre. Assim sendo, os valores, além de receberem por parte do historiador uma orientação científica, recebem também uma orientação pedagógica, pois a história tem a sua utilidade: “Em verdade a história é testemunho dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da antiguidade” (*De or.* II, IX, 36). O leque de serviços que presta à sociedade é muito amplo, e não se restringe a um pequeno círculo acadêmico, mas atinge a vida e o homem em si, nas suas aspirações mais profundas. La Penna, ao comentar essa passagem de Cícero,

diz que a história, como mestra, indica o que se deve fazer e o que se deve evitar, forma a classe dirigente, torna as pessoas mais prudentes ao narrar as desgraças, é um apoio para o idoso, uma pedagoga para o jovem, a quem dá a sabedoria acumulado pelos longos anos de vida (1968, p. 21).

Em outra passagem, Cícero volta a dizer: “Desconhecer, por outro lado, o que aconteceu antes de teres nascido, isso significa permanecer sempre criança” (*Or.* XXXIV, 120). O conhecimento do passado dá ao homem aquela maturidade necessária para atingir a plenitude da cidadania. E acrescenta ao texto anterior: “O que é, afinal, a vida do homem, se a lembrança dos fatos antigos não estiver ligada com a vida dos que nos precederam?” (*Ib.*). Vê-se, então, que para Cícero o conhecimento do passado e a imitação dos *maiores* dá para a história um papel decisivo na formação do homem romano. Alia o conhecimento e a imitação dos personagens dotados de valor que se vai conhecendo, “a fim de que aqueles, que queres conhecer, queiras também imitar” (*De fin.* V, 2, 6).

Uma crítica que se pode fazer a esse projeto pedagógico é a ausência de uma visão mais dinâmica da realidade, pois o culto à tradição, firmado na grandeza, mesmo que incontestável, dos heróis mitificados do passado e fundamentado no frágil princípio da imitação, é um elemento passivo que não dá a devida importância ao processo evolutivo do homem e de sua história.

Caberia, a essa altura, perguntar como se portou a historiografia romana no que tange ao projeto pedagógico proposto. Sabe-se que Cícero não escreveu um livro sequer de história. Seu mérito reside no fato de ter feito, por primeiro, dentre gregos e romanos, um esboço do gênero, definindo-lhe características e objetivos. Pretende-se, neste trabalho, mostrar que o historiador Salústio (86-35 a.C.) teria escrito uma história muito coerente com os princípios estabelecidos por Cícero.

Em carta dirigida a seu amigo Luceio, Cícero tenta persuadi-lo para que escreva uma obra de história, conferindo-lhe o papel de protagonista e garantindo, assim, a perpetuação da memória tanto do herói quanto a do autor (*Fam.* V, XII, 6). E sugere-lhe, inclusive, o assunto: o envolvimento contra a conspiração catilinária. Dessa forma, o autor de história garante a sobrevivência do personagem e este, por sua vez, carrega consigo a glória do historiador. É como se entre ambos fosse formulado um tácito contrato. É o caso de Salústio, que abandonou a carreira política e refugiou-se na atividade de escrever história, com o que, conforme diz já no início de seu livro *De coniuratione Catilinae* (*Cat.* I, 3), pretende prolongar sua existência na memória dos pósteros. Também Salústio, então, vê a história como o reservatório inesgotável da experiência humana, onde a vida dos grandes homens serve de estímulo às gerações futuras.

Salústio, também, destaca os “homens dotados de valor”, em particular César e Catão: “... no meu tempo houve dois homens de extraordinário valor, apesar dos caracteres opostos, M. Catão e C. César” (*Cat.* LIII, 6), e acrescenta que vai fazer todo o possível para colocá-los em evidência no que diz respeito a seu caráter e a seus costumes. E apresenta, logo em seguida, os magníficos retratos dos dois personagens (*Cat.* LIV), onde se pode constatar o incentivo à prática da virtude, o elogio aos valores humanos, o amor ao próximo e à pátria.

A arte do retrato é muito difundida entre os historiadores romanos. Salústio utiliza esse recurso estilístico para evidenciar seus objetivos artísticos e de conteúdo, especialmente na apresentação dos indivíduos que deixaram sua marca na história. O autor, cabe observar, retrata tanto os homens bons como os maus, os que merecem ser imitados e os que não o devem, atendendo a seu gosto de construir a narrativa por antíteses. O retrato surge, na literatura latina, do gênero biográfico, com o interesse de relatar a história dos heróis. As próprias famílias romanas, nos átrios de suas casas, conservavam as máscaras de cera, retratos de seus antepassados, com o objetivo de lembrar aos netos e descendentes as suas façanhas, estimulando-os ao valor. Salústio confirma ter ouvido repetidas vezes que Q. Máximo, P. Cipião e outros personagens insígnies de Roma costumavam dizer que nada os incentivava mais à prática da virtude que a visão das imagens de seus antepassados (*Jug.* IV, 5). Mendonça (1990, p. 83) diz que o gênero biográfico surgiu do sentimento de casta e das *immagines*, enveredando posteriormente para um conteúdo encomiástico e de nítido objetivo político, e resultando nas biografias encomendadas.

Competindo com a escultura e a pintura, o historiador, ao manipular os recursos lingüísticos, transfere para o retrato todos os traços físicos e psicológicos do personagem, em lances de extrema brevidade e condensação. Com seu estilete o historiador grava a palavra, produto de uma longa reflexão e de um profundo conhecimento do ser humano, condensando, em poucas linhas, a história de uma vida. Aqui a arte contribui para mostrar as ações do personagem, imortalizando-o, a fim de que possa ser admirado e imitado pelos pósteros. E Salústio não perde a oportunidade para dizer que de seu *otium*, dedicado à história, advirá maior proveito ao estado do que das atividades dos outros (*Jug.* IV, 4).

Para compreender a importância pedagógica que o retrato possui convém fazer uma análise do *ius imaginum* na sociedade romana. Esse direito das imagens favoreceu sobremaneira o desenvolvimento da estatuária na escultura e do retrato na historiografia. Era costume entre as famílias da *nobilitas* (nobreza) mandar confeccionar estátuas ou imagens do *pater-*

familias, que eram zelosamente conservadas pelos descendentes. Às vezes eram feitas cópias para serem distribuídas entre os diversos ramos da família. Esse direito às imagens era reservado à *nobilitas*, aos patrícios e aos *homines noui* (homens de classe inferior que chegaram ao *status* da nobreza) e transmitido a seus descendentes. Guardar as estátuas ou as imagens dos antepassados e exibi-las ao público conferia prestígio social.

Ao lado de sua função política, deixar uma imagem para seus descendentes era, para o nobre romano, motivo de glória e uma garantia de imortalidade. A imagem conservava uma espécie de existência para o defunto, enquanto mantinha a sua lembrança, símbolo visível da vigilância que os mortos exerciam sobre os vivos. Viver na memória dos homens representava uma pulsão muito forte.

Diz Rambaud (1970, p. 421) que era costume, nos funerais, serem as máscaras dos antepassados levadas por figurantes que encarnavam os *patres* da linhagem do morto. Dessa forma retornavam eles gloriosamente ao meio dos vivos, atravessando o foro e acompanhando silenciosamente o elogio fúnebre. Esse retorno, essa sobrevida, esse aparecimento em público era um incentivo muito grande para todos os cidadãos, acendendo-lhes no espírito o forte desejo de um dia gozarem do mesmo privilégio.

Constata-se, por aí, que entre os romanos o morto não é chorado, mas admirado, e reencarnado nas procissões fúnebres ou em grandes eventos, comemorado, cantado e apresentado como *exemplum*. Esse *exemplum* tem as funções que já foram analisadas na teoria ciceroniana. Para lembrar outra passagem, Cícero, no momento em que lê os epitáfios gravados nos sepulcros, diz: ... *in memoriam redeo mortuorum* (volto-me à memória dos mortos) (*De sen.*, VII, 21). Enquanto a uns a morte inspira o horror e o tabu, ao nobre romano inspirava a necessidade de conservar a lembrança de si mesmo. Lembrança, através de uma imagem bem individualizada. É por isso que em vida os romanos tinham a preocupação de realizar ações de grande valor que servissem de exemplo, que lhes garantissem glória e, através dela, a vida na memória dos homens. Acrescenta Rambaud (1970, p. 421) que havia também, entre eles, o especial cuidado de transmitir o próprio nome e de assegurar, pela filiação ou pela adoção, a permanência de sua família e, pela família, o prolongamento de sua existência.

Por tudo o que foi visto com referência às imagens, estátuas e retratos conclui-se que a historiografia salustiana é coerente com a pedagogia que exorta as novas gerações à virtude, através dos exemplos que vem apresentando. A vida dos antepassados torna-se o suporte material de uma tradição moral e patriótica. Para isso os defuntos devem reviver, e essa

ressurreição é uma das tarefas do historiador. De fato, o historiador imortaliza o herói e seus feitos. O desejo dessa imortalização cria entre a sociedade romana e o indivíduo uma espécie de contrato: se o herói enfrentar valorosamente a morte, se sucumbir com coragem na batalha, se for eminente em alguma atividade, ele será glorificado e imortalizado. E através do culto social garante-se a sua perenidade da memória.

Nesse contexto Catão de Útica escolhe a morte pelo suicídio. E assim tem lógica a opção de Catilina pela conspiração armada: com um punhado de homens luta contra as forças regulares do senado e morre combatendo com heroísmo. Um retrato imortalizou-o nas páginas de Salústio, pela história. Como uma estátua de mármore perfila-se na galeria histórica de Salústio, vencendo o tempo, na sua grandeza e glória. O interessante da história é que ela não dá glória apenas ao personagem, mas também ao autor, que junto com o personagem será sempre lembrado. Autor e personagem, um glorifica o outro, um ressuscita o outro, prolongando-se reciprocamente na memória das futuras gerações.

A história, com sua função educativa, colabora para o bem da sociedade. Nessa linha de pensamento é coerente a posição de Salústio ao dizer que o homem se divide em duas partes: uma que participa do divino e outra, da natureza animal (Cat. I, 2). De um lado alinham-se os mortais ávidos e luxuriosos; de outro, os que são capazes de dominar as inclinações dos sentidos. Como historiador, ao fazer a crítica dos vícios e ao relatar a virtude, Salústio apresenta às gerações futuras os *exempla* a seguir, garantindo a perenidade do bem e a segurança do estado. Nesse sentido a visão pragmática de Salústio é coerente com a de Cícero, marcando entre ambos uma mútua complementação que se inicia com a teoria de um e culmina com a prática do outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I. TEXTOS LATINOS E TRADUÇÕES

- CICERO. De finibus bonorum et malorum. *With an english translation by H. Rackham, M. A.* Cambridge: Univ. Press, 1983. (The loeb classical library, XVII)
- _____. De senectute, de amicitia, de diuinatione. *With an english translation by William Armistead Falconer.* Cambridge: Univ. Press, 1979. (The loeb classical library, XX)
- _____. *Rhetorici libri duo qui vocantur de inventione.* Recognovit E. Stroebel. Editio stereotypa editionis prioris (MCMXV). Stutgardia: Teubner, 1965.
- CICÉRON. *Correspondance.* Tome II. 4. tir. rev. et corr. Texte établi et traduit par L. A. Constans. Paris: Les Belles Lettres, 1963.

- _____. *De l'orateur*. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. 6. tirage. Paris : Les Belles Lettres, 1967.
- _____. *L'orateur. Du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi par Henri Bornecque. Paris : Les Belles Lettres, 1921.
- _____. *Laelius seu de amicitia*. Texte établi et traduit par Robert Combès. Paris : Les Belles Lettres, 1971.
- SALLUSTE. *Catilina. Jugurtha. Fragments des histoires*. Texte établi et traduit par Alfred Ernout. 10. tirage. Paris : Les Belles Lettres, 1974.

II. BIBLIOGRAFIA CRÍTICA

- ANDRÉ, J. M., HUS, A. *L'histoire à Rome*. Paris : PUF, 1974.
- CIZEK, Eugen. La poétique cicéronienne de l'histoire. *Bulletin Budé*, Paris, n. 1, p. 16-25, mars 1988.
- GRIMAL, Pierre. Cicéron fut-il un philosophe? *Revue des études anciennes*, Bordeaux, t. LXIV, p. 117-126, 1962.
- LA PENNA. *Sallustio e la "rivoluzione" romana*. Milano : Feltrinelli, 1968.
- MENDONÇA, Antônio da Silveira. Introdução a "A conjuração de Catilina e A guerra de Jugurta". In: *Tratado sobre a clemência. A conjuração de Catilina. A guerra de Jugurta*. Petrópolis : Vozes, 1990. p. 77-94. (Clássicos do Pensamento Político, 4)
- RAMBAUD, M. Recherches sur le portrait dans l'historiographie romaine. *Les études classiques*, Namur, t. XXXVIII, n. 4, p. 417-447, oct. 1970.